

O QUE FOI ISTO, COMPANHEIRO?

Tânia Regina Oliveira Ramos *

“Narrar é resistir” disse Guimarães Rosa. Fernando Gabeira fez esta citação uma das epígrafes de seu *O que é isto, companheiro?* e nos parece que esta resistência tem sido uma constante no caminho do jornalista/escritor/autor/narrador/figura exótica/novo tipo/mito nacional/Gabeira.

Do livro inicial, onde se interroga — ou nos interroga? — à reflexão do crepúsculo das ilusões de sua geração, quando, anistiado, regressa ao Brasil e diz a um repórter que dali em diante não tinha a menor idéia do que iria fazer, defrontamo-nos com duas obras sérias e maiúsculas. Duas obras que conseguem ser História e que preenchem um vazio, principalmente para a geração AI-5.

A idéia do que fazer veio antes do que esperava: a epopéia da volta em um novo livro, *Entradas e bandeiras*.

A leitura deste último livro da trilogia faz-nos questionar, entre outras coisas, o próprio conceito de literatura. *Entradas e bandeiras* nos confunde. O que o torna diferente dos dois livros que o antecederam: o enunciado ou a enunciação? O jornalista sendo substituído por um narrador que já se preocupa com o fazer literário, ou seja, com a extrapolação do real através de uma re-presentation deste real? Parece-nos que aqui houve uma tendência da sua “memória-crítica” em não delimitar mais onde termina a literalidade da trajetória “heróica” (e por que não considerá-lo um herói problemático, como o definiria Goldmann?) e a literariedade de um texto que, desta vez, ultrapassa o documentário jornalístico e o depoimento biográfico dos dois primeiros.

Para ilustrar, podemos ver que o autor se preocupa em fazer com que os personagens deixem de ser pessoas (p. 11), o herói passa a ser mítico (e o mito é a-histórico) e ao terminá-lo temos aquela sensação de haver lido um livro livre, leve e solto. Frenético. E embora a fruição e catarse sejam bem maiores do que na leitura dos dois livros anteriores — pois, de repente, vemo-nos envolvidos com Fernando e Lena, sentimos incompatibilidade com as nossas raízes, irritamo-nos com a insistência sensacionalista em torno de sua tanga “que não era de crochê”, sonhamos com um pássaro chamado sabiá . . . — terminamos, *Entradas e Bandeiras*, cobrando o companheiro do primeiro e o macho em crepúsculo, do segundo livro. Faltou alguma coisa em *Entradas e Bandeiras*. Acreditamos que um projeto maior, mais força narrativa, um questionamento em cima de suas — e por que não nossas? — contradições, uma penetração no fundo de si mesmo, um retrato em preto e branco da realidade atual brasileira. Gabeira decide — e nesse ponto é coerente consigo mesmo — curtir “o Brasil tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”, metaforizado na própria capa e contracapa. Decide curtir o seu “porto seguro”.

Se nos reportarmos para as nossas lições primárias, extraídas dos tradicionais livros de História do Brasil, lembraremos que “entraças e bandeiras eram expedições organizadas no período colonial, por autoridades ou particulares, que exploram o interior para procurar minas . . .” Assim sendo, a proposta de Gabeira justifica-se por si e em si. Talvez ele tenha encontrado as suas minas . . . Uma delas, essa mina interior, resultado de uma vida que deve ser contada e merece ser consumida.

Entradas e bandeiras, um romance ou um novo depoimento? Para o leitor que não se restringe a questionar os valores literários de um texto, é uma pergunta de somenos importância. Importa é que Fernando Gabeira ainda não terminou a sua caminhada. Caminhada de um brasileiro que viveu e vive a história contemporânea do Brasil. À sua maneira.

“Tchau, Vera Cruz, tchau Santa Cruz, tchau Brasil”.

“O repórter me perguntava o que iria fazer de agora em diante e respondi assim: Não tenho a menor idéia. Beijis”.

“Era uma vez duas pessoas, dois pintinhos e dois marrecos, viajando num jipe verde em busca do novo mundo. Um sabiá laranjeira cantava docemente, os índices da inflação eram insuportáveis e o sol brilhava o ano inteiro . . .”

Assim terminam *O que é isso, companheiro?*, *crepúsculo do macho* e *Entradas e bandeiras*, que devem ser lidos por todos aqueles que se interessam por esse tipo de literatura — depoimento, escrita por quem participou de uma expedição coletiva e hoje participa de uma caminhada solitária.

Sabemos que as reticências finais do último livro muito logo serão preenchidas. Ao passar para o “Era uma vez . . .” e para um outro narrador o seu discurso, ele abre espaço para a lenda, para a fantasia, para o folclórico. E nós, leitores do seu tempo, perplexos diante de mudanças históricas e individuais, como a de Gabeira, talvez continuemos lhe fazendo cobranças.

E de óculos escuros, brinco na orelha, uma galinha e o *Itinerário de Pasárgada* — onde se é amigo do rei — embaixo do braço, ele novamente nos pergunta:

O que é isto, companheiro? Ou nos dê tchau, ou nos envie beijis, ou nos mostre o novo mundo.

* Mestre em Letras — PUC/RJ.
Professora de Literatura Brasileira — UFSC.